

## **Yoga, imaginário e teorias espiritualistas da educação: um estudo de caso**

Denise Gelain\*

Graciela Rene Ormezzano\*\*

### **Resumo**

O artigo trata de uma pesquisa qualitativa, com base nas teorias espiritualistas e do imaginário, tendo como objetivo investigar o significado da prática do *yoga* com seis educadoras da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de uma cidade do noroeste do Rio Grande do Sul. Para a coleta de informações foi realizada uma oficina de educação estética composta de sete encontros e centrada na prática de *koshas*; após, aplicou-se a entrevista iconográfica grupal respondida através de desenhos e, para sua interpretação, a Leitura Transtextual Singular de Imagens (LTSI) desenvolvida por Ormezzano (2001). Os achados revelaram que o *yoga* despertou nos participantes a necessidade de ressignificação pessoal e maior familiaridade com a dimensão espiritual. A filosofia de vida do *yoga* com as educadoras pôde ser entendida como diretriz ousada, porém pertinente à efetivação de um processo que desenvolva essas profissionais em suas múltiplas dimensões, para que, assim, vivam de forma mais harmônica e equilibrada e tenham maior bem-estar.

**Palavras-chave:** Educadores. *Yoga*. Imaginário. Educação estética.

### **Yoga, imaginary and spiritualist theories of education: a study of a case**

#### **Abstract**

The paper aims to present a qualitative research based in imaginary and spiritualists theories. The objective was to research the meaning of yoga practices with six teachers of Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, in a city of Rio Grande do Sul, NW. To collect datas it was realized an aesthetic education workshop, with seven meetings centered in the practice of *koshas*, afterwards, the iconographic collective interview was answered through drawings and for the interpretation the Transtextual Singular Reading developed by Ormezzano (2001). The results brought that yoga wake up in the interviewers the necessity of personal re-meaning and an approach to spiritual dimension. Yoga, as a philosophy of life, with teachers, could be understand as audacious direction, but necessary to the process of developing these professionals in their multiples dimensions, to get more harmony and equilibrium at their lives and well-being.

**Keywords:** Teachers. *Yoga*. Imaginary. Aesthetic education.

\* Professora da Universidade de Passo Fundo (UPF).

\*\* Professora Doutora do Curso de Artes Visuais e do Programa de Mestrado em Educação – Universidade de Passo Fundo (UPF).

### Considerações sobre o tema

Nesta pesquisa realizamos um estudo de abordagem qualitativa numa perspectiva compreensivo-interpretativa com base na antropologia do imaginário. O objetivo foi investigar o significado da prática do *yoga*, pelo estudo dos *koshas*<sup>1</sup> (níveis da consciência), com seis educadoras, no intuito de possibilitar-lhes experimentarem aspectos relacionados à integração corpo-mente-espírito no ambiente sociocultural e natural. Nosso questionamento foi: qual o significado das vivências do *yoga* com educadoras da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), numa cidade do noroeste do Rio Grande do Sul?

Para responder à questão é preciso reconhecer que evoluímos para um mundo altamente complexo em termos de raciocínio. Porém, esses avanços trouxeram consigo exigências, competitividade, individualismo, responsabilidades e, conseqüentemente, menos horas de sono, de lazer, descanso e qualidade de vida. A sensação é a de que, à medida que recebemos alguns “presentes”, em razão dos progressos científicos, fomos tendo de substituir outros que já tínhamos, como maior contentamento e serenidade diante da vida:

Paradoxalmente chegamos a um tipo de civilização que desenvolveu como nenhuma outra poderosos instrumentos para a ampliação do olhar, para a penetração nos desvãos mais escondidos do corpo e do universo. Mas desconhece os afetos, os efeitos e as percepções mais recônditos das imagens inventadas por nossas almas. (MEIRA, 2003, p. 30)

Podemos afirmar, pela observação do dia-a-dia, que esses avanços tiveram como resultado pressões e cobranças que levaram a que o ser humano passasse a ter respostas de fuga ou ataque, a fim de conseguir lidar com as trocas e intempéries do caminho. Sabemos, entretanto, que essa reação de fugir ou agir, que serviu aos nossos ancestrais, já não serve mais para nós, que vivemos constantemente enfrentando desafios e necessitamos de novos meios para agir diante das dificuldades que se nos apresentam.

No âmbito escolar, essa realidade não é diferente. Também aí parece que está faltando algo, pois são comuns o descontentamento e a ausência de motivação dos educadores, originários das referidas situações impostas pela sociedade. Desse modo, fugir – desmotivação pelo trabalho – ou atacar – inquietação, agressividade e descaso – são reações que levam a que o equilíbrio natural se perca, gerando o estresse e, conseqüentemente, a separação das dimensões psicofísica, espiritual e ambiental.

O sentimento que vem à tona é o de que nos falta tempo para olhar a nós mesmos ou para desconstruir as dicotomias e os condicionamentos que nos estão sendo sutilmente impostos, por falta de reação ou por omissão da nossa parte. No entanto, pensamos que tomar ciência implica consciência:

### Yoga, imaginário e teorias espiritualistas da educação: um estudo de caso

Consciência é um estado de espírito conhecedor, um olho que aprendeu a observar o que está além do que se vê, um ouvido que ouve o que está mais para lá dos sons, um entendimento que é capaz de interpretar além do que se compreende à primeira vista, enfim, aquela capacidade de sentir existencialmente o que está acontecendo naquele exato momento e de compreender, no todo vivido até ali, o real significado do que está sendo percebido. (TREVISOL, 2003, p. 10)

A visão de separatividade trouxe retrocessos e desarmonia. Tomar consciência disso possibilita que emirjam motivos para sair dessa condição e desejo de fazê-lo em busca da efetivação de um processo que possa desenvolver o ser humano em todos os aspectos. Segundo Moraes, “[...] estamos caminhando para um outro estágio da humanidade, na qual, em nossa visão mais otimista, poderá, quem sabe, predominar a consciência de integração, de interdependência e o reconhecimento dos processos de co-evolução” (2004, p. 308).

Para tanto, sabemos que se faz necessário haver uma reflexão na sociedade, inclusive no âmbito da educação, com base em paradigmas que levem em conta reflexões sobre o sentido e o significado de nossas vidas. À procura dessa visão, fundamentamos esta pesquisa nas teorias espiritualistas da educação, compreendidas no paradigma simbiossinérgico inventivo, que preconiza uma sintonização com tudo o que existe, abrangendo a multidimensionalidade do ser humano, como portal para o *re-ligare*, por meio do retorno à união com o cosmos, com o divino e com a própria essência (BERTRAND; VALOIS, 1994).

Esse paradigma busca conferir significado e igual importância a todos os saberes, conhecimentos e vivências com vistas à integração de todas as dimensões humanas. Enfatizamos que o termo “integração” subentende dar conta das singularidades das diferentes dimensões segundo uma visão integrativa, o que, por sua vez, desencadeia a necessidade de ampliação da consciência e de transformação. Com base nesse enfoque, surge outra interrogação: serão as experiências e vivências que oportunizam e viabilizam o desenvolvimento de todo o potencial humano, rumo à inteireza? Consideramos que as quatro aprendizagens fundamentais tecidas por Delors (1999), as quais, ao longo da vida, de forma integrada, vão transformando e potencializando a melhor versão de nós mesmos, podem nos auxiliar a responder a essa questão.

É em função da necessidade de integrar corpo-psique-espírito-ambiente no decorrer do processo vital que propomos a prática do *yoga*<sup>2</sup> com educadoras como caminho para obter o acesso a outras áreas do potencial humano, que ofereçam alternativas para a inteireza e a conexão com o sentido do ser. De acordo com Barbier, “[...] o educador é um ser em movimento, sempre em estado inacabado, visa questionar alguém (e a si mesmo) sobre a maneira com a qual ele se educa concretamente ao longo da vida” (2001, p. 127).

O caminho do *yoga* nos ensina que a essência da vida é o encontro com o verdadeiro<sup>3</sup> eu, pela conscientização e integração de todas as dimensões. Nesse sentido, também questionamos: se o educador não possui essa consciência, se não dispõe de um espaço para se transformar, será, realmente, capaz de ajudar o outro na busca de significados?

Considerando a idéia de separatividade que está imersa em nossa cultura, pensamos que se trata de uma difícil situação, pois o educador nem sempre possui condições de propiciar espaços de integração do ser humano consigo mesmo, com o outro e com a sociedade, precisando antes ampliar a sua consciência e integrar as suas próprias questões. Assim, percebemos na ciência do *yoga*, vista nesse contexto como processo de educação permanente, um caminho para aproximar os educadores da conscientização de cada um dos *koshas*, de todas as dimensões do ser, as quais permitem a expressão da sensibilidade, a possibilidade de autotransformação e a integração das multifacetadas, a fim de revelar a essência humana.

Nesse sentido, levamos em conta uma tendência atual, a revista *Época*, que no fascículo publicado no mês de julho de 2006 trouxe como título principal “*Yoga e medicina*” e, na capa, a imagem de uma pessoa fazendo um *asana*. No texto, Ernesto Bernardes enfatiza as novas pesquisas que mostram de que modo o *yoga* pode ajudar no tratamento de doenças como depressão, diabetes, pressão alta, asma e artrite. Igualmente, na revista *Mente & Cérebro*, no fascículo de julho de 2008, há um artigo intitulado “A ciência do *yoga*”, no qual Camila Ferreira Vorkapic aborda como a prática milenar age sobre o sistema nervoso central, reduzindo o estresse e favorecendo a cognição.

Também consideramos inúmeros pesquisadores das ciências humanas, dentre os quais Carl Gustav Jung (2003), René Barbier (2001), Jaques Delors (1999), Gilbert Durand (1997), que abordam assuntos relevantes e questionam de diversas formas a veracidade, a validade e a corroboração de critérios científicos tidos como únicos e universais. Entendendo que um dos pressupostos da educação é viabilizar espaços de transformação intra e interpessoais, nos quais o ser humano possa se auto-afirmar e se autoconhecer, pensamos em propiciar às educadoras alguns processos educativos que levem em conta um saber estético (sensível-inteligível), com o intuito de aproximá-las de valores humanos (unicidade, contentamento, centramento, harmonia, equilíbrio interior) muitas vezes esquecidos e adormecidos, por consequência da visão cientificista, que nos condiciona a seguir as exigências da sociedade. O mesmo posicionamento apresenta Assmann, quando infere sobre a importância de dar-se tempo e permitir-se viver experiências equilibradas, as quais possam contribuir para a integração do ser:

Não é fácil saber juntar a experiência prazerosa de uma profunda alegria por cada passo dado ainda que seja bem pouco o que conseguimos realizar, e o sentimento

### Yoga, imaginário e teorias espiritualistas da educação: um estudo de caso

de dor solidária ao percebermos os absurdos sofrimentos, em boa medida solucionáveis, de tanta gente socialmente excluída. Uma sociedade solidária precisa de gente que esteja de bem com a própria vida, porque somente assim poderá fazer algum bem pelos seus semelhantes. (ASSMANN, 2001, p. 229)

Com o *yoga* aprendemos que é possível ficar de bem com a vida se voltarmos o foco para o sentido da nossa existência. Assim, entendemos que as desarmonias são, na verdade, resultados de percepções baseadas em padrões de pensamento e resposta, dos quais podemos nos tornar conscientes, ressignificando aspectos do comportamento que não condizem com felicidade e bem-estar.

Em vista do exposto e com base no referencial teórico adotado – aliado às experiências profissionais vividas por nós como mulheres e educadoras na busca constante de inteireza nas relações –, visualizamos possibilidades quanto à inserção da ciência do *yoga* nos mais diversos contextos, como forma de desenvolver o ser humano em sua totalidade. Não se trata, portanto, de priorizar apenas a psique, o corpo ou o espírito, mas sim, de integrar essas dimensões humanas.

Esse fato foi enriquecido pelo desejo das educadoras e da equipe diretiva da Apae de efetuar um trabalho que viabilizasse a integração do grupo, aumentasse o comprometimento das participantes com o seu fazer profissional e lhes proporcionasse um maior centramento. Ao assimilar essa solicitação, tentamos potencializar ações e pesquisa bibliográfica da ciência do *yoga* interconectada à ciência da educação, por meio da linguagem. Fomos, assim, delineando os nossos objetivos: a) efetuar um trabalho com as educadoras no intuito de aumentar o comprometimento com o seu fazer profissional, de integrar o grupo e de proporcionar a seus membros um maior centramento; b) aprofundar o nosso conhecimento, assim como o das educadoras, sobre *yoga* e linguagem; c) propor o estudo dos *koshas* nas vivências do *yoga* como forma de integrar corpo-psique-espírito; d) desvelar o significado do *yoga* a partir de vivências que possibilitem o resgate da essência do ser; e) realizar com as participantes vivências práticas de *asanas*,<sup>4</sup> *mudrâs*,<sup>5</sup> *pranayamas*<sup>6</sup> e *yoga nidra*,<sup>7</sup> com vistas à expansão da consciência e à busca do seu verdadeiro eu.

Na oficina de educação estética que envolveu o estudo dos *koshas* utilizamos quatro estruturas textuais básicas, verbais e não verbais, mencionadas por Gennari (1997): a palavra, a imagem, o som e o gesto. A metodologia de trabalho previu que as quatro estruturas estivessem presentes em todos os encontros. A palavra, por ser utilizada mais freqüentemente, fez parte do sistema de comunicação utilizado nas vivências entre pesquisadoras e participantes; a imagem nos auxiliou no processo de visualização durante as aulas e na resposta à pergunta-chave da investigação pela produção de desenhos, lingua-

gem escolhida para exteriorizar as significações produzidas; o som foi fundamental nas atividades de percepção sonora; por último, o gesto constituiu a estrutura textual que possibilitou a união corpo-movimento e a promoção de ações perceptivas, cognitivas e intuitivas que permitissem uma aproximação maior à realidade vivenciada. As participantes foram entrevistadas ao final do último encontro, por meio do qual responderam à pergunta: “o que significou para mim a participação nas vivências do *yoga* a partir do estudo dos *koshas*?”.

Nos sete encontros da oficina coletamos as informações das participantes mediante observações, questionamentos e, no último encontro, pela entrevista iconográfica grupal, um desafio proposto para responder à nossa questão principal. Após, interpretamos os desenhos utilizando a Leitura Transtextual Singular de Imagens (LTSI). Este tipo de leitura de imagens apresenta seis critérios: a) o material, b) a análise formal, c) a simbologia espacial, d) a simbologia das cores, e) as referências ao imaginário, f) a síntese das pesquisadoras, g) a leitura do grupo, considerando a autora e as outras participantes (ORMEZZANO, 2001).

Apresentaremos o caso de M para exemplificar a utilização da LTSI, no qual também encontramos muitas das significações da inserção do *yoga* com outras educadoras da Apae, apoiando-nos também no registro das observações e dos comentários no diário de campo.

### ***Vijnanamayakosha*:<sup>8</sup> o caso de M**

Salientamos que o título do texto iconográfico da entrevistada foi dado por nós embasadas num entendimento sobre os aspectos de maior relevância do *yoga* para M. Ela é graduada em Artes Plásticas, com especialização em Educação Especial. Aos 38 anos de idade, é casada e mãe de três filhas, uma das quais é fruto de um relacionamento anterior ao atual. Está trabalhando na escola Apae há apenas um ano, porém já atua como educadora desde os 19 anos. No ambiente de trabalho, é uma pessoa bastante sensível, participativa, criativa e autêntica; quanto ao contexto familiar, demonstra ser presente e preocupada.

A educadora utilizou para a construção do texto iconográfico folha sulfite, lápis de cor e giz de cera. No primeiro plano da *mandala* há um caminho formado por uma linha diagonal crescente, demarcado por flores e com uma fenda, onde está projetado um coração que possui em seu centro cinco olhos, sendo dois com proporções maiores. No lado esquerdo do desenho, num plano mais ao fundo, encontram-se cinco árvores da mesma espécie e uma sexta árvore entre esse plano e o caminho. No texto há ainda um olho que se sobressai por seu tamanho e expressão, dando a impressão de estar no mesmo plano do sol e do cosmos. Ressaltamos ainda que todo o desenho foi realizado dentro da mandala, onde os aspectos compositivos demonstram a perspectiva e a proporção do texto iconográfico.



Mandala de "M"

A simbologia espacial reforça a conexão do olho como parte do cosmos (céu), podendo referir-se, portanto, ao desenvolvimento espiritual. As árvores, por sua vez, estão relacionadas ao quadrante que indica relação com o mundo interior e com próprio eu. Porém, a árvore que está isolada denota conflitos vindos do inconsciente. Já o caminho sugere conexão com o mundo exterior e com o futuro (ZIMMERMANN, 1992). Partindo desse entendimento, percebemos que o olho é atemporal, exercendo influência em todas as fases da vida. As árvores posicionadas do lado esquerdo indicam conter aspectos relacionados ao passado, e o caminho do lado direito reporta a questões do momento atual, projetadas num futuro próximo.

A percepção de que o inconsciente revelou alguns aspectos pertencentes à esfera pessoal dá origem ao seguinte questionamento: será que esta árvore isolada representa uma metáfora do seu ex-marido e as marcas conflitivas de um passado não elaborado? Talvez a resposta seja positiva, uma vez que essa árvore parece exercer uma barreira, buscando, de certa forma, separar as cinco árvores da mesma espécie – que expressam, de um lado, M e a filha desse relacionamento, e, do outro, o atual marido e as outras filhas. Para Nise da Silveira, “as árvores que simbolizam esforços instintivos para a individuação, bem como as imagens circulares ordenadoras, indicam possibilidades de reestruturação da personalidade em novas bases [...]” (2001, p. 52).

Pensamos que o recurso do *yoga nidra* possibilitou que M desacomodasse alguns aspectos do seu passado, permitindo vir à tona situações que foram reprimidas e assim, reestruturando a sua personalidade em novas bases. Baseamos essa interpretação no registro de um encontro no qual M referiu que, no momento da visualização, sentira dificuldade de retornar pelo mesmo caminho, que estava escuro e lhe causara uma sensação de tristeza e incômodo.

Sabemos que nem sempre enfrentar o processo de individuação é uma tarefa fácil e isenta de inquietações, pois tal experiência exige que o ser humano saia da zona de conforto e acomodação para lançar-se a novas vivências, que muitas vezes requerem uma nova postura diante da vida. Porém, quando nos deparamos com o texto iconográfico de M, percebemos que o incômodo e a desacomodação que sentiu naquele dia não foram em vão, tendo em vista que hoje está se permitindo projetar um caminho repleto de vida e leveza, sendo o elo de amor nessa caminhada que envolve uma boa dose de renovação, perdão e mudança.

No texto, o seu futuro está expresso por um caminho ascendente repleto de vida e de amor. Conforme Durand, a ascensão refere-se a uma direção estável que conduz à dimensão espiritual. “A ascensão é, assim, a ‘viagem em si’, a ‘viagem imaginária mais real de todas’ com que sonha a nostalgia inata da verticalidade pura, do desejo de evasão para o lugar hiper ou supraceleste [...]” (2002, p. 128).

Como já abordado, no trajeto do caminho existe um coração, o qual parece ser uma representação metafórica da própria autora do desenho. Jung (2003) afirma que o coração se refere ao inconsciente, à intuição e ao feminino. No interior desse coração aparecem cinco olhos, que indicam serem as filhas, o marido e o ex-marido, representado pelo olho pintado de preto. O preto, de acordo com Dahlke (1985), não é exatamente uma cor, mas representa a ausência de todas as cores. Dessa forma, é possível que essa figura masculina esteja ali; ainda, ele se encontra na parte escura do coração, que se refere ao inconsciente de M.

Na visão *yogica*, o coração está localizado no quarto *chakra*<sup>9</sup> – *Anahata* –, o qual está relacionado com o amor incondicional e com a capacidade de perdoar. Le Page (2003), referindo-se a esse *chakra*, enfatiza que é necessário permitir que o passado seja refletido na infinita compaixão, para que, assim, possa acontecer a cura, no caso, a elaboração das situações passadas. A simbologia do coração envolve também questões relacionadas à suprema sabedoria, a qual leva em conta o equilíbrio entre intelecto e sentimento.

As flores e o coração enfatizam o vermelho, que simboliza o fogo e o amor, a religação com o divino e a visão integrativa. O marrom está relacionado ao elemento terra, pois contorna o inferior da mandala, indicando o mundo material e a vida terrena. O azul, contorno superior do círculo, reporta às questões divinas e transcendentais. Porém, na percepção de Dahlke, essa é “[...] também a cor da verdade, da fidelidade e da imortalidade” (1985, p. 125).

De acordo com a leitura realizada pelo grupo da oficina, a mandala de M significou “natureza em harmonia, presença da divindade, oportunidades na caminhada, superar barreiras; e viver com amor, doação e dedicação”. É extremamente significativo perceber que o grupo captou, na íntegra, o significado da



### Yoga, imaginário e teorias espiritualistas da educação: um estudo de caso

mandala desenhada pela colega, refletindo a busca pela superação das dificuldades, pela utilização do amor e da conexão com o divino, que está lá (cosmos) e também na essência interior (coração).

Essa essência também é simbolizada pelo olho, que indica a percepção de unidade e, no *yoga*, pelo terceiro olho, o qual foi trabalhado no *kosha* (*vijnanamayakosha*) e refere-se à mente da sabedoria. Para Chevalier e Gheerbrant, o olho é, “[...] de fato, um órgão da visão interior e, portanto, uma *exteriorização do olho do coração* [...]. O terceiro olho indica a condição sobre-humana, aquela em que a clarividência atinge sua perfeição, bem como, de forma mais elevada, a participação solar” (2002, p. 654).

O amarelo que representa a íris significa, para Dhalke (1985), a cor da luz, mesmo significado adotado pela educadora, pois o olho que desenhou emana raios, luz para todas as direções. O branco refere-se à cor do renascimento espiritual, sinaliza a luz não fracionada, própria de tudo o que é mais elevado.

Percebemos também como elevado e inspirador o modo pelo qual M construiu o seu texto gráfico, uma vez que o expressou por meio de poesia:

Sentir paz só é possível  
Quando buscamos no  
Íntimo do nosso ser  
Motivos para  
Usufruir dela...  
Ou nos permitirmos senti-la:  
Pode ser a esperança,  
A filha que sorri,  
Uma experiência amorosa  
Vivida,  
Ou...  
A reverência pela  
Própria vida!  
Sinta e viva com paz no seu coração!

Pela compreensão que nos ofereceu a LTSI, podemos inferir que o *yoga* possibilitou a M um maior conhecimento das múltiplas dimensões (*koshas*) do ser, o que contribuiu para potencializar sua sabedoria e para elaborar, assim, as inquietações do passado, pela superação de barreiras, abrindo espaço para retomada de valores e de sentimentos, como o perdão, o contentamento, a serenidade, a paz, a tomada de consciência para sua inteireza e o estímulo de ver e viver a vida de forma inspiradora.

No texto iconográfico, o olho pode significar, ao mesmo tempo, o observador testemunha e a dimensão espiritual, até porque somente é possível

vivenciar a inteireza se houver a observação sábia de quem somos essencialmente e do que exerce relevância em nossa caminhada. Observamos nos encontros e na leitura do texto que a educadora parece estar realizando tentativas de libertar-se e de transcender rumo a uma harmonia e a um centramento maior em sua vida.

### Reflexões finais

Os achados da investigação revelaram que o *yoga* despertou nas educadoras necessidades de ressignificação pessoal e maior familiaridade com a essência espiritual, aliada às outras dimensões potencializadas nas vivências. Nessa perspectiva, a utilização da filosofia do *yoga* com educadores pode ser entendida como diretriz ousada e desafiadora, porém pertinente à efetivação de um processo que desenvolva esses seres humanos em suas múltiplas dimensões, para que, assim, vivam de forma harmônica e equilibrada com o sentido da existência.

Procuramos, nos encontros de *yoga*, possibilitar um espaço que viabilizasse uma ampliação da consciência quanto ao desenvolvimento de todas as dimensões humanas. Nesses encontros, ficou evidente que o *yoga*, mediante o estudo dos *koshas*, proporcionou significações quanto à importância de se fazerem investimentos na educação que levem também em conta uma formação pessoal e, assim, mais integral. Isso foi evidenciado na medida em que as educadoras revelaram, na exteriorização dos sentimentos e nos textos iconográficos produzidos, que o *yoga* lhes proporcionou uma maior consciência sobre a união corpo-mente-espírito, a transformação pessoal, o crescimento interior, as tentativas de transcendência rumo à harmonia e ao centramento, a necessidade de maior visão integrativa/espiritualista, bem como acerca da possibilidade de conexão com o verdadeiro eu.

Enfim, evitar o turbilhão de pensamentos, obter maior autoconhecimento, aumentar a consciência e acalmar a mente, como tem sido preconizado por praticantes do *yoga* e pelas educadoras participantes desta pesquisa, são processos que a ciência começa a investigar em profundidade. Como contribuição a tal desafio, propomos uma dentre tantas oportunidades de propiciar momentos que otimizem o sentido da vida. Contudo, a viabilidade dessas – nesse contexto mais específico, o *yoga* – exige uma existência contínua e fundamentada em aportes que contemplem espaços para sua aplicação. Reforçamos, porém, que tal aplicabilidade não foi o foco desta pesquisa. Por essa razão, temos o entendimento de que novas investigações são necessárias para desvelar o *yoga* como uma possível prática pedagógica que venha a fazer parte do cotidiano das escolas e, talvez, dos cursos de formação de educadores. É nesse espaço que o futuro educador tem condições de adquirir sustentação teórica, bem como capacitação vivencial para o efetivo exercício dessa prática na sua vida profissional.

### **Yoga, imaginário e teorias espiritualistas da educação: um estudo de caso**

Essa aplicabilidade pode ser aprofundada por meio de investigações transdisciplinares, uma vez que os indicadores do estudo – que emergiram das observações, da exteriorização dos sentimentos, do texto iconográfico e da LTSI – revelaram a receptividade, por parte das educadoras especiais, do *yoga*, demonstrando, por isso, uma nítida possibilidade de inseri-lo na educação, enquanto contribuição considerável no aspecto da formação integral humana.

#### **Referências**

- ASSMANN, H. **Metáforas novas para reencantar a educação**. 3. ed. Piracicaba: Unimep, 2001.
- BARBIER, R. O educador que trabalha na formação de adultos como homem do futuro. In: GROUPE 21. (Org.). **O homem do futuro: um ser em construção**. São Paulo: Trio, 2001.
- BERNARDES, E. Ioga e medicina. **Época**, São Paulo, v. 425, p. 66- 74, jul. 2006.
- BERTRAND, Y.; VALOIS, P. **Paradigmas educacionais: escola e sociedades**. Lisboa: Agence d'Arc, 1994.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- DAHLKE, R. **Mandalas: formas que representam a harmonia do cosmos e a energia divina**. São Paulo: Cultrix, 1985.
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: Unesco, 1999.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- GENNARI, M. **La educación estética: arte y literatura**. Barcelona: Paidós, 1997.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LE PAGE, J. **Yoga integrativa: manual de formação de professores de yoga**. [S.l: s.n.], 2003.
- MEIRA, M. **Filosofia da criação: reflexos sobre o sentido do sensível**. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- MORAES, M. C. **Pensamento eco-sistêmico, educação, aprendizagem e cidadania no século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2004.

Denise Gelain – Graciela Rene Ormezzano

ORMEZZANO, G. **Imaginário e educação: entre o homo symbolicum e o homo estheticus**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

SILVEIRA, N. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 2001.

TREVISOL, J. **O reencantamento humano**: processo de ampliação de consciência na educação. São Paulo: Paulinas, 2003.

VORKAPIC, C. F. A ciência do yoga. **Mente & Cérebro**, São Paulo, v. 186, p. 56- 61, jul. 2008.

ZIMMERMANN, E. B. **Integração de processos interiores no desenvolvimento da personalidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

#### Notas

<sup>1</sup> Os *koshas* referem-se ao corpo físico, ao corpo de energia vital, ao corpo da psique, ao corpo da inteligência universal “observador-interno” e ao corpo da felicidade suprema.

<sup>2</sup> Pronuncia-se “yôga” e usa-se no masculino, como é o gênero da palavra em sânscrito.

<sup>3</sup> Entendemos, de acordo com a teoria junguiana, o “eu” como ego ou centro da vida consciente, e o “verdadeiro eu” ou si-próprio como a síntese ou totalidade do ego e do inconsciente.

<sup>4</sup> Posturas psicofísicas, usadas como meio e apoio para o ser humano experimentar e vivenciar aspectos relacionados à sua essência espiritual e ao verdadeiro eu.

<sup>5</sup> Os *mudrâs* são gestos especiais feitos com as mãos para conduzir de maneira específica a energia sutil ou força vital (*prâna*) do corpo.

<sup>6</sup> Ciência da respiração, canalização ou expansão do *prâna*.

<sup>7</sup> É uma forma de meditação.

<sup>8</sup> Esta é a faculdade da percepção consciente, da sabedoria intuitiva e do discernimento. Funciona como ponte entre o inconsciente e a mente espiritual ou superconsciente.

<sup>9</sup> Os *chakras* são centros energéticos da força vital da vida dentro do corpo. O quarto *chakra* é o cardíaco.

#### Correspondência

Denise Gelain – Universidade de Passo Fundo/Faculdade de Artes e Comunicação – BR 285 – Km 171, Campus I – São José, CEP 99001-970, Passo Fundo (RS) Caixa postal 611.

E-mail: denigelain@terra.com.br

Recebido em 17 de julho de 2009

Aprovado em 14 de setembro de 2009